

ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A REPRESENTAÇÃO PSÍQUICA DA MATERNIDADE E SUA RELAÇÃO COM O ALTO ÍNDICE DE OCORRÊNCIA DE GRAVIDEZ NA POPULAÇÃO DE BAIXA RENDA

Exploratory study on the psychic representation of maternity and its relationship with the high index of occurrence of pregnancy in the low income population

Clara Rodrigues Ottoni¹, Paula Ramos Pimenta²

RESUMO

Introdução: Ao pretender pesquisar o significado do filho na vida de uma mãe, o estudo alcança a via da saúde mental que postula que uma criança se constitui subjetivamente de maneira saudável ao ter sido objeto de desejo e cuidados maternos no início da vida. A hipótese do estudo considera que a maternidade é tida pelos sujeitos femininos como uma representação social e psíquica da feminilidade. **Objetivo:** O estudo pretende evidenciar a oposição psíquica entre o ser mãe e o ser mulher, mediante o desacordo existente entre o desejo de se relacionar sexualmente e o desejo de ter um filho. **Método:** Estudo exploratório de metodologia qualitativa. Foram entrevistadas dez mães com quatro ou mais filhos, sendo pelo menos um de pai diferente. Utilizou-se o método da Análise do Discurso para a análise de dados. **Resultados:** Oito dos dez sujeitos da pesquisa conhecem os métodos de contracepção e já os utilizaram, mas não com muita frequência. A maioria das suas gravidezes foi não planejada. Pelo menos uma das gravidezes de cada mulher entrevistada é fruto de relacionamento ocasionais. **Conclusão:** Concluiu-se que os sujeitos da pesquisa não desconhecem os métodos de contracepção e optam pela gravidez como uma solução para a solidão ou para manter o relacionamento com o parceiro. Os resultados da pesquisa levam a se concluir que as políticas públicas de planejamento familiar podem estar equivocadas, na medida que focam exclusivamente na informação e conscientização da contracepção e não nas causas e desejos inconscientes da gravidez.

Palavras-chave: Maternidade; Saúde Pública; Feminilidade; Psicanálise; Métodos Contraceptivos.

¹ Acadêmica do 8º período do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG).

² Doutora em Psicologia, Professora Adjunta da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG). Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). - Autor correspondente: Paula Ramos Pimenta. - Av. Contorno, 5351, s. 1502, Cruzeiro, Belo Horizonte, Minas Gerais, CEP 30110-923. paula.pimenta@cienciasmedicasmg.edu.br - Fone: 31 3281.3146. - Os autores declaram não existir conflitos de interesses. - Recebido em: 15/12/2017 - Aceito em: 08/02/2018

ABSTRACT

Introduction: In order to investigate the meaning of the child in the life of a mother, the study reaches the path of mental health that postulates that a child is subjectively healthy in being the object of maternal desire and care in early life. The hypothesis of the study considers that motherhood is considered by the female subjects as a social and psychic representation of femininity. **Objective:** The study aims to highlight the psychic opposition between being a mother and being a woman, through the disagreement between the desire to relate sexually and the desire to have a child. **Method:** Exploratory study of qualitative methodology. Ten mothers with more than three children were interviewed, being at least one of a different father. The Discourse Analysis method was used for the analysis of data. **Results:** Eight of the ten subjects of the research know the methods of contraception, they have been used, but they do not use them very often. Most of her pregnancies were unplanned. At least one of the pregnancies of each woman interviewed is the result of occasional relationships. **Conclusion:** It was concluded that the research subjects are not unaware of contraception methods and choose pregnancy as a solution to loneliness or to maintain the relationship with the partner. The results of the research lead to the conclusion that public family planning policies may be mistaken in that they focus exclusively on information and awareness of contraception and not on the unconscious causes and desires of pregnancy.

Keywords: Maternity; Public health; Femininity; Psychoanalysis; Contraceptive Methods.

INTRODUÇÃO

No imaginário social, acredita-se que o amor materno seja algo natural, o verdadeiro apanágio feminino. Nessa ideologia, o filho encarna uma responsabilidade quanto ao que trará completa satisfação e felicidade à mãe. Seu sucesso e afirmação como uma verdadeira mulher estariam associados a ter um filho. Daí advêm as expressões “instinto maternal” e “amor de mãe”. Diante desses fatos, cabe questionar sobre o que há de instintivo e natural na maternidade.

Nos últimos anos, a taxa de natalidade e o número de filhos por família têm diminuído radicalmente quando comparados com décadas anteriores¹. No entanto, apesar das taxas brasileiras já estarem abaixo dos níveis de reposição populacional, verifica-se que esse índice é altamente desnivelado: enquanto uma mulher com nível universitário tem em média 1,1 filho, a analfabeta tem mais de 4; 11% dos bebês nascem nas classes A e B e quase 50% vêm da classe E¹. Desse modo, a falta de acesso ao planejamento familiar mostra-se bem mais expressiva nas classes baixas.

Se, nos anos 1950, as mulheres tinham uma função materna bem estabelecida, a partir da década de 1990

tais valores foram reestruturados. A maternidade passou a se configurar como uma opção que pode ser adiada e até mesmo descartada. Com um questionamento crítico a respeito do instinto materno e da concepção idealizada de maternidade, as mulheres foram autorizadas a viver autenticamente a produção de seus desejos².

Há mulheres que conseguem identificar seus verdadeiros desejos; uma maioria, porém, não é capaz de realizar essa tradução². Isso ocorre porque há uma diferença entre aquilo que se deseja e aquilo que se demanda. O desejo, de acordo com a abordagem psicanalítica, corresponde à esfera inconsciente, enquanto a demanda seria uma vontade pertencente ao consciente. É por essa diferenciação que a questão do desejo pela gravidez requer maiores estudos, pois, apesar de os métodos contraceptivos trazerem às mulheres o sentimento de que dominam conscientemente sua fecundidade, há a complexidade da motivação inconsciente quanto à gestação que, muitas vezes, culmina nas chamadas “gravidezes não planejadas”. É a esse ponto discordante entre as manifestações inconscientes e conscientes relativas à instauração da maternidade nas mulheres que visou esta pesquisa.

Levando em consideração a importância do desejo no ato de ter um filho e o exercício da maternidade para a constituição do sujeito, o estudo se orientou pelas seguintes perguntas: o que leva algumas mulheres a terem muitos filhos e de pais diferentes? Houve um desejo envolvido na produção de cada um?

A pesquisa se justificou pela elevada taxa de gravidez não planejada entre as famílias brasileiras, sobretudo as de baixa renda, configurando-se em um item de Saúde Pública. Objetivou-se entender o que levaria as mulheres a não se utilizarem de métodos contraceptivos em seus relacionamentos sexuais ocasionais, culminando na falta de planejamento familiar decorrente de uma ou de várias gravidezes inesperadas. Para tanto, foram realizadas entrevistas com mães, buscando compreender a representação da maternidade nessas mulheres e relacionando-a à vivência da feminilidade. Procurou-se também identificar os contextos favorecedores da ausência do uso de métodos contraceptivos pela mulher; saber se a maternidade corresponde à vivência da feminilidade para algumas mulheres; promover uma base de dados inicial que possa ser desenvolvida em novas pesquisas, visando ao aprimoramento dos instrumentos educativos utilizados pelas políticas públicas da saúde da mulher e da criança.

A psicanálise relaciona a maternidade à feminilidade, postulando o “ser mãe” como uma das respostas ao “ser mulher”³. Para Freud⁴, o desejo de ter um filho é uma solução encontrada pela mulher para lidar com uma incompletude por ela percebida em si, devido à importância infantil dada à falta de um pênis em seu corpo, em uma época em que a criança só consegue registrar psiquicamente a existência de um sexo, o masculino, demarcado explicitamente no corpo. Dessa forma, o filho seria um substituto, um deslocamento do desejo fantasioso da menina de ter um pênis⁴.

A fase fálica, na menina, em que ocorre o Complexo de Édipo, faz com que seja acometida por um sentimento de “inveja do pênis” (*Penisneid*), acarretando-lhe um sentimento de inferioridade. Ela encontra uma solução deslizando do “pênis” para um “bebê”. Todo esse processo acontece de forma inconsciente⁴.

Seguindo a lógica freudiana dessa equação inconsciente — pênis = bebê —, pretendeu-se verificar, neste estudo, se esse deslocamento ainda é válido nos dias de hoje, se a maternidade corresponde à vivência da feminilidade para algumas mulheres e se a ausência de uso de métodos contraceptivos tem alguma relação com o significado que a criança assume para a mulher que se torna mãe, no lugar de completar a sua falta.

A ausência de indicadores sobre como ser mãe induz a que cada mulher se veja na posição de inventar, a cada momento, sua resposta materna. Dessa forma, é no discurso da mãe que vamos encontrar o lugar que o filho assume em sua vida.

MÉTODO

A pesquisa teve um caráter exploratório e implicou na utilização de uma metodologia qualitativa, tendo em vista seus objetivos de compreensão da representação da maternidade em mulheres com quatro ou mais filhos, de parceiros diferentes, dos quais pelo menos uma das gravidezes não foi planejada. O caráter exploratório do estudo propiciou a existência de uma amostragem menor, constante de dez sujeitos, que favoreceu a coleta e a análise dos dados, por meio da metodologia de Estudo e Relato de Casos⁹.

Os sujeitos da pesquisa foram mães de alunos de uma escola municipal de Belo Horizonte, o que aponta para o recorte socioeconômico baixo da população visada. A coleta de dados se deu por meio de entrevistas semi-estruturadas. Os tópicos das entrevistas apontavam para questões relacionadas à vivência da feminilidade, à representação da maternidade, ao desejo relativo a cada filho, às expectativas surgidas durante as gestações, ao lugar dado aos pais dos filhos, ao tipo de relacionamento com eles instituído, aos conhecimentos dos métodos contraceptivos e às dificuldades e ansiedades vivenciadas durante as gestações.

O N(=10) não foi definido de forma aleatória. Para se chegar à amostragem pretendida houve um levantamento prévio junto à direção da escola, por meio de questionário, que consistiu em identificar todas as mães de alunos que se encaixavam no perfil da pesquisa. Dentre estas, foram escolhidas dez candidatas que, apesar de serem as cuidadoras dos filhos, menos se envolviam com suas responsabilidades maternas. As indicadas foram procuradas para dar sua anuência de participação.

As entrevistas semiestruturadas foram transcritas para se definirem as categorias temáticas a serem analisadas pela metodologia da Análise do Discurso⁵. Esta busca os significados construídos no discurso dos sujeitos, dados situacionalmente, não sendo uma mera classificação de opinião dos informantes, mas, sim, a descoberta de seus códigos sociais a partir de falas, símbolos e observações⁵. As falas relativas a cada categoria foram organizadas em planilha Excell⁵. Para se preservar a identidade das mães entrevistadas,

foram adotados números de referência.

Previamente à Análise do Discurso, os dados coletados com cada entrevistada foram categorizados em dois eixos fundamentais e complementares, com base no recorte da teoria psicanalítica.

Primeiro eixo: exercício da função materna.

Entendida pelo investimento libidinal no filho, que o leva a ocupar um lugar afetivo especial no desejo da mãe. Ao atingir tal posição diante do desejo materno, diz-se que o filho foi investido “falicamente” pela mãe, uma vez que o conceito de falo remete às respostas encontradas para a questão relativa a tal desejo. Em outras palavras, à questão psíquica básica feita pelo bebê — “o que quer a mãe?” —, em sua tentativa inconsciente de se manter como objeto único e especial de seus cuidados, a resposta encontrada é sempre parcial e enigmática. A mãe quer seu bebê, mas não exclusivamente. Daí, portanto, a psicanálise propõe, no lugar dessa resposta desconhecida em sua totalidade, o termo inespecífico de “falo”, sinônimo dos valores a que o desejo materno aponta, aos olhos do filho.

Com efeito, Freud já chamara a atenção para a preocupação do bebê em relação à alimentação, aos cuidados e à proteção da mãe: “...os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção:

isto é, no primeiro caso, sua mãe ou quem quer que a substitua”⁶ (p. 94). Não é necessário que seja a mãe biológica a responsável por tais cuidados e, sim, a pessoa que se dedica à criança, ou seja, que executa a função materna.

Segundo eixo: valor fálico do filho para a mãe.

Complementar à função materna, trata-se do recebimento, por parte da criança, de um investimento afetivo especial, porquanto libidinal, proveniente da mãe, que a institui no lugar fálico do desejo materno.

Para tanto, foram abordados e analisados os seguintes temas no discurso de cada mãe: 1º eixo - (a) identificação com a maternidade, (b) representações da feminilidade para o sujeito em questão, (c) outros aspectos da função materna; 2º eixo - (d) o desejo não anônimo dirigido ao filho; (e) outros aspectos do valor fálico dado ao filho.

RESULTADOS

As mães entrevistadas apresentam quatro ou mais filhos, sendo pelo menos um de parceiro diferente. A tabela 1 apresenta a idade das mães, o número de filhos e a quantidade de parceiros com os quais se relacionaram.

Tabela 1. Dados gerais dos sujeitos participantes da pesquisa.

Identificação	Idade	Número de filhos	Quantos filhos são de parceiros diferentes
Mãe 1	37	7	3
Mãe 2	37	4	2
Mãe 3	42	11	3
Mãe 4	34	5	2
Mãe 5	34	5	5
Mãe 6	47	7	3
Mãe 7	40	5	3
Mãe 8	56	6	3
Mãe 9	59	12	4
Mãe 10	52	4	3

Fonte: dados da pesquisa

Quanto ao **exercício da função materna**, muitas mães associam essa função com o cuidar e educar. As 10 participantes da pesquisa demonstraram preocupação

com os estudos dos seus filhos, no sentido de colocá-los na escola, embora tenha havido muitos relatos sobre a dificuldade para conciliar o trabalho, os filhos e os

afazeres domésticos. Todas falaram da importância dos estudos para os filhos e foram insistentes em mantê-los na escola. No entanto, pelo menos um filho de cada mãe da amostra abandonou a escola antes de completar a escolaridade básica. Nota-se que o tempo de dedicação aos filhos é mínimo, mas não por descaso e sim por terem que assumir sozinhas a responsabilidade da criação, quase sempre sem a ajuda do progenitor.

Para as mães 4 e 9, a função materna é cuidar e educar. Já a mãe 1 relata que

eu trabalho o dia todo, eu chego em casa e nem sento, eu não tenho tempo de chegar em casa e fazer algum trabalho com meus filhos, as professoras não entendem, eu não tenho tempo, eu preciso colocar comida dentro de casa. (Mãe 1)

Outras mães, apesar de trabalharem, contaram com ajuda dos filhos mais velhos para auxiliá-las no cuidado dos menores, como é o caso da mãe 5: “*Nem sempre eu tinha tempo pra sentar com eles e ensinar, aí eu contava muito com as outras filhas, pra elas me ajudarem a ensinar, a cuidar, a levar e buscar na escola*”. O mesmo ocorria com uma segunda entrevistada, que contava com a ajuda de sua filha de 5 anos para cuidar dos irmãos.

Para a mãe 6, a função materna é

cuidar e dar carinho. Eu fiz o que eu pude e o que não pude. O que eu faço por eles eu faço por eles primeiro pra depois fazer por mim. Eu sempre fui carinhosa com todos eles. (Mãe 6).

A mãe 4 relata que ter filhos foi bom, eles são tudo para ela, apesar da dificuldade para criar. Assim é também para as mães 2 e 9: “*filho é alegria e devoção*” (Mãe 9).

Para as mães 7 e 8, ser mãe está relacionado a abdicar dos seus sonhos de mulher, para se dedicar exclusivamente ao filho. O que é corroborado pelo relato da mãe 10: “*A função de mãe é dar carinho e educar, pode faltar comida e dinheiro, mas carinho não. Ser mãe é você enxergar só seus filhos e não se enxergar mais*”.

Quando analisado o **valor fálico do filho para a mãe**, percebeu-se que o fenômeno da maternidade foi estruturante para essas mulheres, como se tivesse havido uma vida antes da maternidade e uma vida pós-maternidade. Algumas mulheres falaram que depois que descobriram que estavam grávidas pararam de usar drogas, de abusar de bebidas alcoólicas ou até mesmo de “levar uma vida errada” (Mãe 5). Com a

maternidade, essas mulheres ganharam lugar e nome; se antes elas não tinham nomeação, agora são “mães”. “*A maternidade me tornou uma pessoa melhor; ela me mudou muito, porque aí eu já não pensava só em mim, eu parei de aprontar por conta dos meus filhos.*” (Mãe 5).

Concordante com essa perspectiva, a mãe 6 afirma que filhos são tudo pra ela e que, se não os tivesse, nem estaria viva, porque muitas coisas passaram por sua cabeça. Relata que sua história de vida não foi fácil.

Ao mesmo tempo que, para algumas entrevistadas, a maternidade foi estruturante, para outras a maternidade significou a privação de não ter tido uma adolescência ou uma vida para além da maternidade. Muitas abriram mão de seus projetos para se dedicarem quase que exclusivamente à função materna, os filhos se tornaram tudo para elas, um complemento. “*Pra falar a verdade, eu não tive adolescência, não tive infância, eu era inteligente, eu estudava, tirava nota boa, eu parei de estudar quando eu engravidei, eu tive vergonha de voltar pra escola*”. (Mãe 1).

A maternidade para a mãe 10 também significou a privação da infância e dos estudos. A vivência da maternidade dessa mulher se mostrou única dentre as demais. Aos 6 anos, foi levada por sua mãe para trabalhar na casa de uma família e, aos 10 anos, foi abusada pelo patrão. Este propôs uma permuta à sua mãe: tiraria a família da favela se se casasse com a menina. Aos 12 anos, a mãe 10 teve seu primeiro filho. Brincava com ele como se fosse um boneco. Por ser ainda uma criança e não ter tido infância, fez de sua maternidade uma brincadeira. Ser mãe só se tornou uma representação na sua vida após a separação desse marido, quando adquiriu maturidade para essa função.

Algumas demonstraram uma dificuldade de separar o “ser mãe” do “ser mulher”, como é o caso das mães 7 e 8. “*Os filhos são tudo na minha vida. Eu não coloco nada acima deles, eles compensam os meus sofrimentos, as minhas renúncias*” (Mãe 7).

Mas essa mesma mulher se sentiu angustiada ao ouvir do amigo de seu filho que ela havia nascido para ser só mãe e não mulher.

Eu tenho meus sonhos, eu tenho que aceitar que eu sou mulher; que eu preciso viver a minha vida, não posso viver só a vida dos meus filhos, porque eu só vivo a vida deles, isso me sufoca. Eu esqueço de mim, isso me sufoca e me deixa pra baixo. (Mãe 7).

Para a mãe 8, a única solução possível é escolher: ou ela é mãe ou ela é mulher, não se permitindo ser as

duas. Sente-se angustiada, pois não quer decepcionar a filha. Por isso terminou um relacionamento. Ao mesmo tempo, demonstra seu conflito ao afirmar que não está feliz com a sua escolha, mas que os filhos são tudo para ela.

Para algumas dessas mães, a maternidade representa a completude, uma saída imaginária para a castração, uma vez que, com o filho, e elas se sentem feticizadas e preenchidas. Nesse sentido, vê-se que, para a mãe 7, a gravidez compensa o seu sofrimento e as suas renúncias.

Eu era apaixonada pela minha barriga, eu era apaixonada pela gravidez, acho que foi por isso que tive muitos filhos. Eu me sentia a pessoa mais feliz do mundo. Eu curti demais as gravidezes. A sensação era muito boa. Uma sensação que queria ter sempre, um prazer, ser mãe não tem explicação. Quanto mais eu engordava, quanto mais a criança crescia dentro de mim, mais eu gostava. (Mãe 7).

No mesmo sentido, a mãe 3 criou expectativas que se frustraram: *“Os filhos não ajudam, a expectativa criada era que os filhos iam crescer e começar a me ajudar e me dar carinho.”* (Mãe 3). Apesar de afirmar que criou os filhos para esse fim, nenhum dos 11 cumpre com essa promessa da maternidade.

Nota-se, em mais de um dos relatos, que o filho foi tomado como um presente a ser dado ao parceiro. A mãe 3 relata que, mesmo já com sete filhos, teve mais um, a pedido de seu parceiro. *“Ele falou: arruma um filho aí pra mim. Eu arrumei, mas ele nem ligou”.* (Mãe 3).

No caso da mãe 2, ela interpretou que ter uma filha seria o maior desejo do companheiro e o manteria junto de si, fazendo-o parar de traí-la. *“O sonho da família dele era ter uma menina na família, eu achei que quando eu tivesse uma menina ele iria mudar. Quando somos adolescentes, nós não temos nada na cabeça.”* (Mãe 2).

A mãe 1 descreve umas das suas gravidezes da seguinte forma: *“Aí eu engravidei do R, eu procurava o remédio, mas não dava certo, eu esquecia, eu não acreditava porque eu tinha vacilado de novo”.* A mãe 9 diz que se fosse hoje em dia ela não *“arrumaria tanto filho. As mulheres de hoje tem muito mais informação, tem muitos métodos para evitar a gravidez.”*

Os resultados sobre o conhecimento dos métodos de contracepção estão representados na tabela 2. Conforme a tabela, apenas duas mães não apresentavam conhecimento dos contraceptivos antes de engravidar pela primeira vez.

Tabela 2. Conhecimento das participantes quanto aos métodos de contracepção

Identificação	Conhecimento de métodos contraceptivos antes da primeira gravidez	Conhecimento de métodos contraceptivos após a primeira gravidez	Nome dos métodos
Mãe 1	Sim	Sim	Anticoncepcional DIU Laqueadura
Mãe 2	Sim	Sim	Anticoncepcional Oral DIU Laqueadura Preservativo
Mãe 3	Sim	Sim	Anticoncepcional Oral DIU Injeção Laqueadura
Mãe 4	Sim	Sim	Anticoncepcional Oral
Mãe 5	Sim	Sim	Anticoncepcional Oral DIU Injeção Laqueadura Preservativo

Identificação	Conhecimento de métodos contraceptivos antes da primeira gravidez	Conhecimento de métodos contraceptivos após a primeira gravidez	Nome dos métodos
Mãe 6	Sim	Sim	Anticoncepcional Oral DIU
Mãe 7	Sim	Sim	Anticoncepcional Oral DIU Injeção
Mãe 8	Sim	Sim	Anticoncepcional Oral Laqueadura
Mãe 9	Não	Sim	Anticoncepcional Oral Laqueadura
Mãe 10	Não	Sim	Anticoncepcional Oral Laqueadura

Fonte: dados da pesquisa

Em relação à feminilidade, a mãe 1 diz que:

Eu sempre fui muito vaidosa, eu nunca descuidei da minha aparência, tratando da vivência da feminilidade. A feminilidade é muito difícil, mulher sofre muito, a gente é muito julgada, a gente tem que ser mulher, tem que ser mãe, a gente engravida, os filhos tem que ficar tudo com a gente, ainda tem que se cuidar, nós, mulheres, somos muito cobradas. (Mãe 1).

A mãe 7 diz que:

Ser feminina é você gostar de você mesma. Quando a gente está pra baixo a gente deixa de ser feminina, como no meu caso, às vezes eu nem acho que sou mulher, mas eu tenho desejo de mulher, desejo de mulher é diferente de desejo de mãe. Tenho que aceitar que eu sou mulher, que eu preciso viver a minha vida, não posso viver só a vida dos meus filhos, porque eu só vivo a vida deles. (Mãe 7).

As mães 2, 4 e 6 relatam que feminilidade é você se cuidar e se arrumar, a 6 acrescenta que, para ela, ser mulher representou a liberdade. Para a mãe 8, ser mulher é muito difícil, pois tem que fazer escolhas, referindo-se à divisão entre mãe e mulher.

DISCUSSÃO

Considerando os dados obtidos nas entrevistas e correlacionando-os com os resultados apresentados nas tabelas 1 e 2, temos que oito dos 10 sujeitos da pesquisa conhecem os métodos de contracepção, sabem como

usá-los e onde obtê-los. Contudo, apesar de terem conhecimento das práticas contraceptivas, não as utilizam com frequência, o que justificam pelos efeitos colaterais causados e acabam abandonando a prática, sem indicação médica. Isso indica um descaso com a contracepção e com uma eventual gestação decorrente.

Identificou-se a prática corrente de engravidar do parceiro para atender a seu pedido momentâneo de lhe fazer um filho ou para mantê-lo junto de si. A gestação não se apresentou como um empecilho para nada, aliás, percebe-se que gerar um filho para o companheiro, mesmo que ocasional, é uma prática frequente e reconhecida entre as mulheres da região. O filho assume uma conotação de presente, uma oferta a ser dada ao parceiro, para mantê-lo junto de si. Todavia, os pais não os assumem, mesmo quando pedidos por eles.

Sob o aspecto da identificação com a maternidade, as mães não desejam seus filhos, no sentido psicanalítico. Não planejam e organizam sua vida para a chegada de um novo bebê, apenas se submetem à lógica do querer: elas querem ter um filho, têm-no, sem pensar nos impasses e dificuldades da criação. Somente depois do nascimento que veem a responsabilidade advinda.

No relato das mães, percebe-se que, apesar de se preocuparem com os filhos, seus estudos, saúde e alimentação, o desejo da gravidez e o decorrente investimento afetivo no filho mostram-se bastante singulares. Muitas dessas mães não criaram expectativas durante algumas de suas gestações, pois foram inesperadas.

Verifica-se que existe um ganho secundário, por parte da mulher, em ter muitos filhos, pois o estado gestacional pode proporcionar prazer, com uma sensação que tampona o vazio e o desamparo inerente à existência. E os filhos nascidos podem vir a preencher e ocupar um espaço, atribuindo-lhe a nomeação de “mãe”, levando-a a ser alguém e ter um lugar de privilégio, diferentemente daquele de mulher.

É necessária a interdição paterna no desejo de qualquer mãe, que a leve a apontar para um outro lugar, para além do filho. Contrariamente, as mães 7 e 8 se mostraram tomadas pelo desejo de serem “toda mãe”, não concedendo lugar à função paterna para torná-las, também, mulheres⁷. Ao não dividirem seu desejo para além da maternidade, tornam-se mulheres que fogem da lógica da castração ao se deixarem preencher ilusoriamente pelo filho.

Pelo menos uma das gravidezes de cada uma das entrevistadas foi fruto de um relacionamento ocasional. Ao menos um filho de cada sujeito da pesquisa foi criado sem a presença do pai. Observou-se um descaso paterno quanto à responsabilidade na criação do filho. Quando questionadas sobre a função dos pais na família, foram unânimes em afirmar que não tiveram atribuição alguma, e, embora muitos tenham registrado a criança, não a assumiram como pais.

Para a psicanálise, a feminilidade diz de um modo subjetivo de cada mulher lidar com a falta existencial. Ou seja, a feminilidade surgiria com o consentimento da incompletude inerente ao ser. Dessa forma, não há como capturar e descrever o feminino, pois é uma maneira subjetiva que cada mulher encontra para o seu vir-a-ser⁸. Ao se avaliar a relação dessas mulheres com a feminilidade, as respostas seguiram o senso comum, que preconiza o cuidado com o corpo e com a aparência. Algumas a correlacionaram com a maternidade, mas outras apontaram a distinção entre o desejo de mãe e o desejo de mulher.

CONCLUSÃO

A pesquisa pretendeu compreender o que levaria as mulheres a não se utilizarem de métodos contraceptivos em seus relacionamentos sexuais, sobretudo os ocasionais, o que culmina em uma falta de planejamento familiar decorrente de uma ou de várias gravidezes inesperadas. O recorte socioeconômico aponta particularidades quanto à concepção de maternidade e de seu planejamento. A ausência de organização prévia para a chegada de um bebê dá a entender que as mães

não desejam os seus filhos. À primeira vista, podem ser consideradas negligentes por produzirem filhos além de sua disponibilidade de tempo, capacidades financeira e afetiva. No entanto, a pesquisa demonstrou que, apesar da falta de desejo prévio, essas mulheres passam a amar seus filhos. Considerando as limitações socioeconômicas, não houve indícios de rejeição da maternidade, embora tenha havido a conscientização quanto a uma irresponsabilidade no momento da contracepção.

Verificou-se que os sujeitos da pesquisa não desconheciam os métodos contraceptivos, optando pela gravidez como uma solução para a solidão ou uma tentativa de vinculação com o parceiro. Um dado surpreendente surgiu se refere à frequente demanda dos parceiros quanto à concepção de um filho e à consequente não responsabilização por sua criação.

O estudo leva à conclusão de que as políticas públicas de planejamento familiar se equivocam, à medida que focam exclusivamente na informação e na conscientização da contracepção, desconsiderando as causas e desejos inconscientes de uma gravidez não planejada.

REFERÊNCIAS

1. Varela D. A perpetuação da pobreza. Rev Carta Capital. [online]. 2012 Abr. [Acesso em: 2 dez 2015.]; Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/saude/a-perpetuacao-da-pobreza>.
2. Tachibana M, Santos LP, Duarte. O conflito entre o consciente e o inconsciente na gravidez não planejada. *Psyche (São Paulo)* [online] 2006;10(19):149-167.
3. Vieira M, Barros R. Mães. 1ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, 140p.
4. Freud S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: O Ego e o Id. Edição standard das obras completas de Sigmund Freud, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 290p.
5. Ramos R, Salvi R. Análise de conteúdo e análise do discurso em educação matemática: um olhar sobre a produção de periódicos qualis A1 e A2. IV Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática. 25 a 28 out. 2009; Brasília, DF. [Acesso em: 12 dez 2015] Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/ifhiec/arquivos/9GT94689598053.pdf>.
6. Freud S. Introdução ao narcisismo. In: Introdução ao narcisismo. Metapsicologia e outros textos. Edição o standard das obras completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 206p.
7. Fabro L. Torna-se mulher. O caminho para a feminilidade: de Freud a Lacan [monografia]. São Paulo: Clínica Lacaniana de Atendimento e Pesquisas em Psicanálise, Curso de Psicanálise; 2014.[Acesso em: 2 dez 2015.] Disponível em: http://clipp.org.br/arquivos/monografia_lygia.pdf.
8. Almeida A. Feminilidade: caminho de subjetivação. Est psicanal [online] 2012; 38(1): 29-44.